

Homenagem a Ilana Blaj

*"Ninguém é insubstituível" -
diz o provérbio -
"mas aqueles que
ninguém pode substituir,
esses são grandes"*



DADOS BIOGRÁFICOS

Ilana Blaj nasceu na França, em 1951 e muito pequena veio para o Brasil com seus pais, que pretendiam recomeçar a vida no Novo Mundo, distante dos horrores anti-semitas dos nazi-fascistas.

Em 1973, terminava concomitantemente dois cursos universitários: o de História na PUC de São Paulo e o de Jornalismo na ECA-USP. Sua vocação como professora manifestou-se precocemente no desempenho de monitorias tanto na PUC (junto às Professoras Frances Rocha e Estefânia Fraga), como na ECA (junto à Professora Cremilda Medina). Muito rapidamente, definiu-se, pela escolha da História e da carreira universitária.

Em 1974, antes de completar 23 anos, iniciava sua vida acadêmica como professora do Departamento de História da PUC, onde permaneceria até 1985. Sempre se referia à PUC com enorme carinho e afeto. Fez lá grandes amigos e trabalhou muito pelo curso de História. Foi chefe (eleita) do Departamento por dois mandatos, entre 1981 e 1985. Foi também eleita, pelo voto direto, vice-diretora da Faculdade de Ciências Sociais, em 1985.

Em 1986, mediante concurso de ingresso, entrou para o departamento de História da FFLCH da USP. Sua atuação no departamento (comentada no primeiro texto) foi exemplar. Em 1995, defendeu tese de doutoramento, sob a orientação da Professora Maria Odila Leite da Silva Dias, com o título: “A trama das tensões: o processo de mercantilização de São Paulo (1681-1721). Preparava sua tese de livre docência sobre o tema: “Tensões e mediações: elite agrária e comerciantes na área paulistana (1700-1748)”.

Participou intensamente da vida universitária tendo sido membro ativo da ANPUH e militante devotada do Partido dos Trabalhadores desde sua fundação.

Ilana foi casada com Manuel Blaj com quem teve um filho, Caio Blaj.



ILANA BLAJ

Maria Ligia Coelho Prado
Departamento de História - FFLCH/USP

Ilana Blaj foi uma daquelas raras pessoas que quanto mais se conhece, mais se admira. Nossa amizade, que já vinha de longe, muito se fortaleceu na convivência diária ao partilharmos durante dois anos a chefia do Departamento (1996-1998). Pude, assim, apreciar mais de perto suas qualidades extraordinárias.

Ilana foi uma companheira como poucas. Solidária, generosa, firme. Trabalhar com ela dava segurança (pois sempre sabia *o que e como* tudo tinha que ser feito), além de ser um imenso prazer (pois tinha humor, alegria e enorme disposição). Jamais se atrasava, nunca se cansava, sempre tinha disposição para mais um pouco de trabalho. A instituição e o interesse coletivo vinham em primeiro lugar, acima de suas necessidades pessoais.

Foi uma professora exemplar, única. Acompanhava atentamente toda a produção nacional e internacional sobre a História do Brasil Colônia. Suas aulas primorosas eram, mesmo depois de tantos anos de magistério, preparadas religiosamente como se estivesse começando. Seus cursos de graduação tornaram-se referência importante, sendo reconhecidos como fundamentais para a formação dos alunos. Infelizmente, não houve tempo suficiente para que se concretizassem as promessas anunciadas com sua orientação na pós-graduação.

Seus trabalhos de pesquisa apenas começam a ser publicados. A tese de doutoramento, defendida em 1995, demorava a ser revisada, pois suas correções vinham depois dos seus compromissos com o Departamento. Mas finalmente, a Editora Humanitas publicará seu trabalho, que se baseou em extensa e rigorosa pesquisa de fontes, trazendo como resultado um texto de peso que se constituirá em efetiva contribuição para a historiografia de São Paulo colonial.

No Departamento, ela representava o equilíbrio. Alicerçada em princípios de justiça e retidão, nos quais a causa pública vinha em primeiro lugar, estava sempre aberta a ouvir a todos, a harmonizar os conflitos e a buscar soluções.

Tinha tal disciplina que encontrava tempo para tudo. Lia dois jornais por dia, assistia a todos os filmes interessantes, ia ao teatro, gostava dos shows de música popular brasileira, comentava todas as exposições de impacto.

Foi militante do Partido dos Trabalhadores, participando das campanhas políticas e das manifestações públicas. Nunca perdeu a indignação diante da injustiça e do arbítrio dos poderosos. Coerente com suas idéias, ela decidiu muito jovem renunciar à cidadania francesa, por um dever crítico e contestador. Saiu do Consulado, sentindo-se profundamente orgulhosa. Contava essa história com graça, com uma certa ironia. Eu gostava também de ouvir seus relatos sobre a saga de sua família judaica que, fugindo dos horrores do nazismo, chegou a São Paulo para iniciar vida nova e encontrar seu lugar no mundo.

Ilana foi muito querida por todos, pela família, pelos amigos, pelos alunos. Dona de uma força interior, uma coragem, uma garra, uma determinação, que fez com que todos nós acreditássemos que ela venceria mais uma vez a doença com a qual lutou por muitos anos.

Nesta homenagem, queremos compartilhar, com os que a conheceram, a alegria de seu convívio e a tristeza de sua perda; para aqueles que não tiveram esse privilégio – especialmente os alunos novos – deixar o registro de sua exemplar trajetória acadêmica, política e intelectual.

Como tantas vezes já se disse, apenas os poetas podem nos socorrer (e quem sabe, consolar), para colocar em palavras sentimentos tão fortes. Deixo aqui estes

versos de Mario Benedetti que foram escritos para outra batalhadora, Soledad Barrett, mas que ele não hesitaria – estou certa – em oferecer também a Ilana Blaj:

Soledad não viveste em solidão
Por isso tua vida não se apaga
Simplesmente se enche de sinais
Soledad não morreste em solidão
Por isso tua morte não se chora
Simplesmente a içamos ao ar
Desde agora a nostalgia será
Um vento fiel que fará tremular tua morte
para que assim apareçam exemplares e nítidas
as franjas de tua vida.